

As travessuras do liberalismo

Alfredo Sirkis, candidato a vereador no Rio pelo Partido Verde, começou suas experiências revolucionárias explodindo as privadas do banheiro masculino do Andrews com bombas de São João. A peripécia quase lhe valeu a expulsão, evitada por ser bom aluno. Artur da Távola, candidato a prefeito pelo PSDB, viveu um tempo em que a disciplina rigorosa do colégio levava os estudantes a travessuras na praça em frente ao prédio da Praia de Botafogo, quando alguns incautos eram jogados dentro do lago. Se o professor era muito severo, podiam furar os pneus do seu carro. Na mesma praça, sentada nas escadas do monumento a Miguel Couto, a atriz Maria Lúcia Dahl refugiava-se do cerco dos coordenadores de disciplina para namorar os rapazes do científico.

O espírito liberal que sempre reinou no Andrews deu um filão de histórias curiosas dos rebeldes e privilegiados adolescentes cariocas que estudaram no colégio. A maioria dos ex-alunos classifica de democrático o ambiente da escola ou "razoavelmente democrático", como diz Sérgio Lacerda, um dos proprietários da editora Nova Fronteira, para classificar o Andrews de sua época, a década de 50. Seu irmão, Sebastião Lacerda, acredita que o tratamento de igualdade a todos os alunos refletiu no comportamento dos profissionais que se formaram mais tarde. Para Sirkis, no entanto, o ambiente era autoritário.

Bolinhas — "A base que tive no Andrews, com ótimos professores, permitiu que eu fosse aprovado com boa colocação no vestibular para Direito da PUC. E olha que eu fiz o primeiro exame de *porre* porque tinha varado a madrugada no meu primeiro baile do Municipal para comemorar o restabelecimento de meu pai (Carlos Lacerda), que estava doente", conta Sérgio. Ele só tinha uma reclamação do Andrews: a presença de um coordenador de disciplina chamado Mota Paz, "que era nazi-fascista".

O mesmo professor, que também lecionava Português, é mencionado pelo cirurgião-plástico e músico Marcos Spilzman, 54, como "uma pessoa dura, mas doce". O médico, no entanto, confessa que os alunos de sua turma costumavam jogar bolinhas e aviôezinhos de papel no quadro-negro quando os professores estavam de costas e temiam serem levados para a sala 11, onde os mais bagunceiros ficavam de castigo depois das aulas. "Eu entrei para o Andrews em 1945 para fazer o ginásio e fiquei até 1951. Com o bom ensino do colégio, fui aprovado para a Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil. A única observação que tive em minha caderneta era para que não brincasse na aula de música, justamente a minha paixão atual."

Patotas — Mas a experiência no Andrews, de 1960 a 1966, não deu ao escritor Alfredo Sirkis impressão de democracia. "A estrutura do colégio era autoritária, os coordenadores de disciplina eram repressivos e eu era um aluno extremamente revoltado", conta. Bom aluno, ele foi o único, de um grupo de 16 rapazes que *aprontavam* na escola, a conseguir renovar matrícula para concluir o ginásio. "Estávamos influenciados pela moda das *patotas* de rua, que proliferavam na Zona Sul. Eu era da *patota* da Marquês de Abrantes e repetia as brincadeiras no colégio", lembra o escritor, que tentou fundar um grêmio no Andrews em 1963, imediatamente fechado pelo diretor da escola. "O Andrews me deu boa base em termos de educação: Na formatura, em 1966, acabei sendo orador da turma e fiz um discurso vibrante e patriótico, como qualquer um faria naquela época", confessou.

Ao contrário do turbulentão Sirkis, dois outros políticos, Artur da Távola e Rubem Medina, foram alunos obedientes no Andrews. Távola, 52 anos, fez o clássico entre 1951 e 1953 no colégio e garante que era apenas observador das peraltices, como furar pneus de carros de professores e jogar colegas no lago. "O Andrews, para mim, funcionou como abertura para o mundo. Tive oportunidade de aprender muito bem todas as matérias e conhecer muitas pessoas", lembra o candidato do PSDB, cuja principal diversão naquela época era o flerte com as meninas. "Os rapazes do Andrews eram mais soltos, menos carolas", conta Távola. Seu desempenho como aluno, diz, era regular: "Tinha muito interesse pelas disciplinas da área de Humanas e nenhum pelas científicas. Quando estive exilado no Chile, falei espanhol corretamente graças ao que aprendi no Andrews."

Rubem Medina, 46 anos, só ficou em segunda época uma vez, em francês, com *madrame* Jacobina. Depois de se formar no científico do Andrews em 1961, fez faculdade de Economia e, hoje, seus dois filhos estudam no colégio. "A tradição de ensinar bem com liberdade continua até hoje", garante. O ambiente do Andrews e o bom ensino também são as melhores lembranças de João Batista Cordeiro Guerra, ex-presidente do Supremo Tribunal Federal e procurador geral de Justiça no governo Carlos Lacerda: "Eu estudei lá desde o jardim até o científico, em 1932. O Andrews foi um grande formador de personalidades e o fato de o colégio ser leigo permitia que debatéssemos qualquer tema sob vários pontos de vista."

Namoro — A atriz Maria Lúcia Dahl, 45 anos, gosta de recordar os encontros com os namorados do científico no monumento a Miguel Couto, na praça em frente ao colégio, após as aulas. "Eu adorava o colégio e fiz amigos com quem me encontro até hoje. Como aluna, era meio preguiçosa, conversadeira, sempre sentava nas últimas carteiras, mas nunca repeti ano", lembra. Ela cursou o clássico no Andrews a partir de 1958.

A qualidade do ensino no colégio, prejudicada pela Lei Passarinho, que exigia a profissionalização no ensino médio, e pela corrida do vestibular na época do advento dos cursinhos, é atestada pela atriz Maria Padilha, 29 anos, que cursou ginásio e segundo grau no Andrews entre 1970 e 1976. "O colégio era puxado nos estudos, mas o ensino carecia, como em todo o Brasil, de profundidade. Decorei muita coisa que até hoje não uso para nada e senti que gostaria de aprender coisas que a escola não dava", reclama. Mais tarde, Maria voltou ao Andrews como professora de teatro, junto com o ex-aluno Miguel Fallabella. As turmas dos dois jovens professores montaram várias peças de sucesso e foi desse laboratório, mais uma inovação do Andrews, que surgiram novíssimos atores como Luciana Braga e Ana Beatriz Nogueira.